

Adolescência contemporânea entre a modernidade irônica e uma educação para a língua

Marina Caldas Teixeira¹

Resumo

O artigo discute o efeito da crise da modernidade sobre a adolescência contemporânea, que compeliu crianças e jovens ao impasse de fazer uso de condutas de risco e de hábitos linguageiros, nos quais predominam injúrias e provocações, como demanda de respeito, propondo uma educação para língua com condição para se configurar invenções mais poéticas.

Palavras-chaves: injúrias, condutas de risco, invenções poéticas.

Abstract

The article discusses the effect of the crisis of the modernity on the contemporary adolescence, what compelled children and young persons to the impasse of doing I use of conducts of risk and of habits linguageiros, in which insults and provocations predominate, like respected demand, proposing an education for language with condition in order that more poetic inventions being shaped.

Key words: insults, conducts of risk, poetic inventions

ENTRE O PASSADO E O FUTURO: O FRACASSO DE UMA TRANSMISSÃO

Quando uma sociedade está em crise, o modo de ser dos adolescentes aparece, freqüentemente, como aquilo que coloca em causa esta sociedade. Hannah Arendt, já tinha assinalado que se pode julgar uma sociedade a partir do modo como a sociedade acolhe as crianças e os adolescentes. (Arendt: 2005, 1954) A infância e a adolescência podem se tornar o lugar de indicação de uma questão histórica: aquela do encontro factual entre o passado e o futuro; entre o que uma geração transmite às que lhe sucedem e o elemento de novidade que pode se revelar no acolhimento que a sociedade dá às novas gerações.

¹ Psicóloga, Psicanalista, Doutorando em Psicanálise (UFMG), Mestre em Psicanálise (UFMG), Especialista em Psicologia da Educação (CEPEMG), Professora de Psicologia e Antropologia do UNI-BH, Psicóloga Clínica no Hospital das Clínicas de Belo Horizonte. E-mail: mcaldas@uai.com.br

Os pais humanos não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante concepção e nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo, em uma língua. E assim, assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança, assim como pela continuidade do mundo, pois as crianças e os jovens de hoje serão os adultos de amanhã. A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo, pois ao mesmo tempo em que a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça por parte do mundo, também o mundo necessita ser protegido, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada geração. (Arendt: 2005, pp.235).

Por precisar ser protegida do mundo, o lugar tradicional da criança é a família que assegura a intimidade da vida privada, assegura o espaço privado em que sua língua, que não é a língua de todo mundo, será acolhida. Exatamente porque a criança nasce sem palavras é que o recém-nascido precisa ser acolhido na intimidade da língua familiar, afim de que a língua ofertada de seus pais se torne a língua de sua infância. O sujeito infantil se constitui a partir das palavras que os pais lhe oferecem, e desde aí, já experimenta um primeiro exílio: deixar o mundo sem palavras e aprender a falar, aprender a demandar. Se não fosse pela oferta da “língua materna” que é a língua dos pais, a criança permaneceria regida por esse mundo sem palavras, no qual pegar e tomar seriam as únicas formas de se comportar. A criança deve deixar esse mundo sem palavras e aceder a ordem da linguagem, na qual não se deve pegar ou tomar, mas demandar e desejar. É isso o que os pais ensinam na intimidade da “língua materna”: ensinam a falar, no lugar de atuar, ensinam a demandar, no lugar de tomar. Os pais ensinam sobre o exílio do país do imediato. A língua da infância se constitui, portanto, no acolhimento dos pais que preservam a intimidade desse tempo em que o sujeito infantil está fora dos princípios da socialização, fora dos padrões da língua comum e de seus preceitos, sem ter, por isso, que responder por seus atos imediatistas. Em última instância, a intimidade consolidada pela “língua materna” prepara a criança para o mundo dos adultos, prepara para o hábito gradualmente adquirido de trabalhar ao invés de brincar, de demandar ao invés de tomar, articulando a lei e o desejo. Assim, toda vez que a criança é permanentemente exposta ao mundo sem a proteção da intimidade e da segurança familiar, sua qualidade vital é destruída, e há grandes chances dela perseverar no regime da imediaticidade. Regulada apenas pelos próprios caprichos, pode se tornar, aos olhos da sociedade, um pequeno delinqüente que só sabe tomar e pegar; um pequeno tirano que não

sabe esperar e confisca para si a propriedade alheia. Pode matar, roubar, insultar, apenas porque essa é sua única maneira de ser, a maneira imediatista de atos sem conseqüência². Por isso é muito mais difícil enfrentar a infância quando não se tem o abrigo da língua materna, pois será preciso abandonar o país do imediato sem o aporte do Outro que gradativamente ensina sobre o valor da palavra empenha no ato de dizer em lugar de fazer.

O acolhimento que cada criança recebe de sua língua materna revela a face real do encontro traumático com a língua de que o *infans* é vítima. Toda criança recebe seu lugar no mundo a partir desse encontro sempre traumático com a língua. Um encontro que tanto desperta para vida entre os homens, a vida regida pelos poderes da palavra, quanto para o exílio, lugar sem palavras, sem lei, lugar fora do discurso.

A língua materna cumpre, justamente, a função de acolher a criança e sustentar a particularidade de sua língua de criança, tolerando os hábitos mentais infantis. O sujeito infantil, até que possa falar e pensar como todo mundo, vive o real do tempo, um tempo que não está regulado pelo tempo absoluto; experimenta a diferença dos sexos sob o regime das ambigüidades sexuais, aquém da significação que o discurso sexual lhe reserva; faz a experiência de si a partir da língua como a integral dos equívocos - inventa palavras, troca os fonemas, tropeça nas letras, gagueja, inverte o sentido, desfaz o símbolo - não compreende o mundo dos adultos com suas regras e convenções, ainda não escreve, não lê, não conta, e ainda que o faça, é sob a égide da fantasia; brinca ao invés de trabalhar; vive sob a regulação do princípio do prazer, enquanto adquire gradualmente os princípios da realidade. Até que a criança possa entender a função do símbolo - a arte manter ligado em si mesmo a diferença entre ser e fingir ser - o universo do discurso parece-lhe, freqüentemente, um mundo cruel e sem sentido.

Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é. (Arendt: 2005, 239). A língua materna é o espaço vivo que protege a intimidade e a segurança da criança, sustentando a singularidade que distingue cada criança

² Como foi o caso daquela criança americana de seis anos que matou, na sala de aula, uma coleginha de 4 anos. Ele simplesmente puxou a arma do tio, que havia levado para o jardim de infância, e atirou. (vídeo: Tiros em Colombay).

de todos os demais, a qualidade em virtude da qual ela não é apenas um forasteiro no mundo, mas alguma coisa que jamais esteve aí antes. (Arendt: 2005, 239).

A língua materna reserva à criança o direito de encontrar uma língua e de ser ouvido na sua particularidade. É por isso que as coisas se tornam muito mais difíceis para a criança órfã. Ela padece dessa acolhida da língua materna e é compelida a crescer prescindindo de experimentar respeito e tolerância a singularidade de sua existência. A criança órfã padece ora, de ter que dar conta da exigência antecipada de responder com os hábitos mentais do adulto e falar como todo mundo – o que é impossível na infância -, ora de ter que assumir uma existência pública na qual ela é forçada a ausentar-se de si, ausentar-se de seu ser de criança, tal como se pode observar com as crianças de rua de nossa cidade. Abandonada do convívio com a língua materna, sua infância é consumida. A reação das crianças a essa pressão tende a ser ou o conformismo ou a delinqüência, e freqüentemente, uma mistura de ambos.

Toda criança precisa ser desejada, encontrar seu lugar no desejo do Outro materno, se localizar como objeto do desejo do Outro para constituir sua posição de sujeito, para localizar seu valor subjetivo. A psicanálise esclareceu que o Outro é o lugar da linguagem, o universo de discurso, lugar onde todo ser humano encontra como se identificar. O Outro é o lugar onde o ser humano encontra as marcas, os significantes que o tornam um ser falante. A psicanálise soube esclarecer o quanto a linguagem não serve apenas para a comunicação, mas antes, serve para a constituição do sujeito, serve, a cada um, como meio de identificação; cada um tenta traduzir em palavras o que existe em si mesmo, a libido ou o gozo sem palavras de que é feito o ser. Constituir-se como sujeito é, assim, encontrar uma língua.

Ao encontrar a língua de sua infância, cada criança encontrou a si mesma como objeto de desejo da mãe, e por isso, a criança pode se reconhecer num corpo próprio. A criança encontra nisso um sustento imaginário, ela se reconhece numa imagem de si com a qual se apresenta aos outros e se faz reconhecer. Ela se identifica imaginariamente com o objeto de desejo da mãe, assumindo-se como significado fálico do desejo do Outro. Sua existência

deixa o lugar ermo de sua “ex-sistência”³ sem palavras para advir como um eu: “aonde isso era, deve o eu advir” (Freud) É por isso que é importante ser amado falicamente pelo Outro materno. Sem o revestimento desse significado, o “isso” não chega a apoteose do “eu”, e a criança permanece ausente de si, numa espécie de ordem selvagem na qual o inconsciente é a céu aberto - como disse Lacan - sem recalque, sem vergonha e sem culpa, a vida segue à deriva.

Mas na adolescência, em virtude do despertar da sexualidade que a puberdade desencadeia, o sujeito vive seu corpo como real, e desde então, o suporte imaginário não se sustenta mais. Na adolescência, o sujeito deve abandonar o valor fálico imaginário que sustentou o corpo de sua infância, e escolher o que ele será como homem ou como mulher. Ele terá de deixar a língua de sua infância, aquela transmitida por seus pais, para encontrar uma outra língua. O sujeito terá que se desligar da autoridade dos pais, para encontrar seu lugar. Ninguém falou melhor do que o poeta Arthur Rimbaud, o princípio da adolescência: “Eu apressado em encontrar o lugar e a fórmula” (Rimbaud: 1982, pp105, Vagabundos).

A tarefa da adolescência é freqüentemente muito difícil. O adolescente deve abandonar o espaço privado de sua infância e aceder a ordem pública que compele a escolher o que ele será na partilha sexual para ir de encontro ao Outro sexo. Porém, ele é confrontado com um excedente de sensualidade que não encontra palavras na língua materna para ser traduzido. Um gozo estranho habita o novo corpo, e não há palavras que possam traduzir isso que se passa em seu corpo, e que é bem real. Ele não pode mais se dizer uma criança e, tão pouco encontra palavras para traduzir esse gozo excessivo que desconcerta seu corpo e seus hábitos mentais, e provoca o exílio do país da infância, chamando-o para uma outra vida: “a vida verdadeira, a vida de minha tensão” -como disse Rimbaud. Sobre a vida de sua sexualidade, sobre isso, o adolescente não pode falar aos pais, seja porque ele sente vergonha, seja porque isso produz uma situação de exílio do país da infância.

Exilado do país da infância, o adolescente é compelido a ir a outro lugar. A partir do chamado de seu gozo, o adolescente se coloca em fuga. É o despertar da sexualidade que força o adolescente a se desligar de sua família e ir na busca de outro lugar. Em sua errância, o

³ Ex-sistencia é um equivoco significante utilizado por Lacan para dar nome ao lugar anterior a ordem do discurso que vale como a dimensão mais real do ser. (Lacan: 2005, 1972)

adolescente é compelido pela exigência incondicional de encontrar uma língua, que traduza o excedente de gozo que habita seu corpo. Encontrar uma língua para se identificar, se reconhecer, e se inserir no laço social.

Portanto, no momento da adolescência, a criança passa a um estado de urgência: existe uma tensão que procura uma saída. Algumas vezes, o jovem encontra mais facilmente uma língua, a qual endereçar o seu sofrimento, e um lugar para inventar a fórmula que lhes convém, reduzindo assim seu tempo de errância. A sorte de encontrar uma língua e um lugar permite que esses jovens inventem a fórmula que lhes convém. Trata-se mesmo de uma invenção, é preciso que cada um, em relação ao despertar e ao exílio, invente a fórmula que convém a sua vida, pois somos todos exceção. É preciso um esforço de poesia, pois o que vale para um jovem não pode servir de modelo para outro. A cada um compete inventar seu próprio sintoma. Para Rimbaud, a poesia foi seu sintoma, que ele abandonou aos 18 anos, para se identificar como mercenário. Do tráfico violento com as palavras que reinaram em sua 'Temporada no Inferno' e na errância dos amores entre Delahaye e Verlaine, ele tomou o rumo de outro tráfico: os das armas pelo território da África. Rimbaud viveu intensamente entre letras e armas. Desde a adolescência soubera vencer distancias em suas fugas, mas jamais conseguiu se recompor do estrago deixado pela ausência de seu pai e pela avareza de sua mãe. De toda forma, foi na África, que a língua árabe, entre outras, se tornou para ele familiar: conseguiu se aprofundar no território prático da vida e juntar fortuna. (Rimbaud: 1982, pp19). Mas, mais do que isso, por um tempo, a atmosfera africana conseguiu abrandar sua alma faminta de paraíso. Em seu delírio no leito de morte, Rimbaud transparecia seu tenaz desejo de voltar a Etiópia.

A sorte de encontrar uma língua e um lugar permite que o adolescente invente a fórmula que lhes convém. Ainda com Rimbaud, podemos dizer que dessa sorte, o sujeito renasce nomeado por um novo amor.

No caso dessa sorte, estão os adolescentes que sabem se servir da crença no Outro. Não raras vezes, entretanto, diante daquele estado de urgência, o jovem encontra a passagem ao ato: adolescentes se suicidam, começam a se mutilar, tornam-se toxicômanos, cometem atos criminosos. São jovens que, por falta de encontrar uma língua, se entregam aos objetos de consumo, se servindo deles para tamponar o furo no saber que o chamado do sexual

descortinou. Esses objetos de consumo que produzem um curto-circuito na relação ao Outro da palavra encarnam um dos perigos de nossa civilização, aquele já advertido por Roland Barthes, o de perder o gosto pelas palavras e pela conversação. (Barthes: 1978). Os objetos de consumação direta permitem ao adolescente que este não se responsabilize por seu ser sexuado de vivente. É assim que constatamos, por exemplo, que no mundo atual cada vez mais os meninos maltratam as meninas, pois os objetos de consumação direta - tóxicos, anabolizantes, inibidores do apetite, computadores, celulares, carros, *ipods*, enfim, todos os *gadgets* do mundo moderno – se colocam como anteparo frente ao Outro sexo, mantendo o sujeito adolescente desresponsabilizado por sua própria sexualidade.

Nossos jovens e crianças padecem do declínio da imago paterna. (Lacan: Complexos familiares). Lacan assinalou que o que de melhor se pode esperar de um pai e de uma mãe, é que estes se responsabilizem por suas crianças e adolescentes: que digam, a seus filhos, como eles próprios se viraram com a vida e com a própria sexualidade. Ao *infans*, a língua materna deve dizer como a mãe se arranjou com o gozo que não tem nome; que lugar a mulher, que é a mãe, encontrou no desejo do Pai passando a desejar ter um filho. Diante do adolescente, a língua paterna deve dizer como o pai se arranjou com o gozo que não tem nome e se tornou capaz de colocar uma mulher, como causa de seu desejo, se responsabilizando pelo produto de gozo dessa mulher que são os filhos. (Lacan: seminário RSI, 1974-75, inédito).

Os impasses da adolescência contemporânea têm como razão o que Lacan designou como declínio da imago paterna e Hannah Arendt, de perda geral da autoridade uma vez que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças. (Arendt: 2000; 1954). É como se os pais dissessem todos os dias que nesse mundo, mesmo eles não estão a salvo em casa, mesmo eles não sabem como se movimentar na vida, o que saber, que habilidades dominar para se virar com o Outro sexo. A maioria dos pais também adotou o consumismo como modo de enfrentar o mal estar na civilização moderna. Pais modernos são, freqüentemente, pais silenciosos, desgostosos com o estado de coisas e descrentes da palavra e da conversação. São pais inocentes, pois estão reduzidos, a meros telespectadores assíduos do show da vida. Lavaram suas mãos por seus filhos que não têm mais direito de lhes exigir satisfações.

Mas, segundo a psicanálise de orientação lacaniana, o declínio da imago paterna que modifica a autoridade, também abriu caminho para outras versões do pai, versões que, como sintoma, escrevem a dimensão de uma subversão criadora. Quando a autoridade está fora dos eixos, é preciso intervir para fazer existir a dimensão de uma subversão criadora. Se a vida do poeta não pode servir de modelo (ele encontrou a fórmula que singularmente convinha a sua existência), o que transmite sua literatura pode servir de inspiração a uma subversão criadora. O adolescente contemporâneo encontra-se capitulado pelos objetos de consumação direta: trafica droga, trafica arma e violência; extasiado pela ironia dos tempos modernos, não encontra gosto nas palavras e na conversação – passa ao ato. É preciso intervir para fazer existir uma subversão criadora capaz de recolocar o gosto pela palavra e pela conversação: eis o que urgente fazer, a saber, colocar a criança e o adolescente entre armas e letras; fazendo-o perceber o poder de fogo das palavras, das letras e das literaturas.

Os impasses típicos da adolescência contemporânea, que citamos acima, têm como razão o declínio da autoridade - seja paternal, seja do Estado - que no entusiasmo pelas novidades, rompeu os vínculos entre o passado e o futuro, mas, acima de tudo, franqueou os limites entre o espaço público e o espaço privado com o fenômeno da sociedade de massa. Jacques Lacan e Hannah Arendt souberam precisar que a desresponsabilização dos adultos pelo mundo ao qual trouxeram as crianças é uma atitude cínica, um sintoma de uma sociedade de massa, na qual o *pathos* do novo se edificou sob a égide da invasão do espaço público no privado. Sob a lógica do mercado da sociedade de massa, a educação da criança e do jovem deixou de estar inscrita à intimidade da família e da autoridade parental. Exposta ao estranhamento do mundo visível da sociedade de massa, a criança, assim como o jovem, recorre ao mercado para encontrar a autoridade que ponha em ordem o estado das coisas e do mundo.

Entretanto, o mercado só concede vida às mercadorias a serem consumidas. Para o mercado vale o princípio da consumação no lugar da conversação. O mercado não faz pacto com os poderes criativos da palavra. Para o mercado, a única palavra que interessa é aquela que pode persuadir o consumo de mais um novo *gadget* e a consumação da subjetividade. O mercado não se oferece como um lugar onde a criança e o adolescente pudessem endereçar seu sofrimento para encontrar uma língua, pois os objetos de consumação direta são feitos para calar a boca da criança e do adolescente. Calar essa procura por uma palavra que

traduza o exílio do país do imediato de que padece a criança, e o exílio do país da infância de que padece o adolescente.

A psicanálise soube revelar, que as leis do mercado estão baseadas nos princípios da oferta que cria a demanda. O mercado regula de forma a homogeneizar todas as demandas, de forma a controlar e padronizar os modos de satisfação, ou seja, os modos de se movimentar na vida, o que saber, que habilidades dominar para aceder ao mercado. O mercado é o novo parceiro sexual: todos querem entrar no mercado. E para tanto, somos capazes de vender a alma ao diabo, como fazem as crianças e adolescentes do tráfico – de drogas, de armas, de sangue, de órgãos, do sexo. O Outro do mercado é o tráfico. De um outro ao Outro, as crianças e os adolescentes são os primeiros a serem capturados, para o melhor - o Outro da linguagem –, ou para o pior - o Outro do tráfico.

O mercado trabalha em nome da correção ortopédica da demanda: para cada demanda um objeto de consumo. Para cada grito de criança, um redutor de freqüência que termine por extasiar o comportamento – pode ser um brinquedo, uma arma, uma dose de ritalina⁴. Para cada desvario da juventude, um objeto de gozo pronto para consumir e extasiar esse gozo estrangeiro que habita seu corpo – um lenço de cola, uma dose de craque, um fusível. Assim, o elemento novo que cada geração aporta é destruído ou subjugado ao silêncio mortífero da clandestinidade e da segregação.

HIP-HOP E RAP: UM LUGAR E UMA LÍNGUA DE RESPEITO

A demanda de respeito é o sintoma da adolescência contemporânea, pois alguma coisa em seu ser o compele a exigir do Outro um reconhecimento do que ele é, reconhecimento que freqüentemente não pode ter lugar na falta de um Outro que diga sim a sua existência. Essa demanda de respeito é uma demanda incondicional de amor, e paradoxalmente, um sintoma com valor de formação de compromisso, pois tal sintoma aparece justamente onde o sujeito pratica uma ruptura com o Outro. O paradoxo que essa demanda revela é o de que o adolescente que reclama respeito é aquele mesmo que se mostra mais desrespeitoso.

⁴ Ritalina é a substância ativa das medicações prescritas para a hiperatividade.

É precisamente o que nos ensina o movimento *Hip-Hop* e os textos de *Rap*. No seio do *Hip-Hop* se constitui uma língua que permite ao adolescente de hoje em dia alcançar sua maneira de ser, seu modo de gozar, por uma prática de palavra inédita, uma maneira de dizer que não existia antes: o *rap*. A língua do *rap* é fecunda, ela define uma comunidade de discurso fundada essencialmente sobre a demanda de respeito. O *rap* ilustra bem essa modalidade particular de uma ligação inédita ao Outro que cria um novo tipo de laço social e uma maneira original de se defender do mal estar na civilização – o adolescente tem construído seu lugar a partir de seu mal estar, que é o de sua exclusão e de sua humilhação. Através do *Hip-Hop* e do *Rap*, os jovens constituem um lugar de endereçamento para seu sofrimento e um ponto onde eles se sentem respeitados – trata-se, para ele, de uma nova maneira de habitar a linguagem.

Atualmente, é possível verificar que o fenômeno do *Hip-Hop* e do *Rap* compeliram à estabilização de uma língua e favoreceram a integração de certos sujeitos que antes estavam errantes e a deriva. Para alguns jovens de nossa época, o movimento do *Hip-Hop* e do *Rap* se descortinaram como uma disciplina de escritura que permitiu formalizar o mal estar próprio ao adolescente contemporâneo - sua demanda de respeito - em uma fórmula.

O paradoxo da demanda de respeito do adolescente moderno revela, em última instância, o que é o mal estar na cultura dominada pela lógica de mercado, a saber, estamos todos doentes do direito à felicidade. Nossa cultura promete a felicidade ao sujeito, e o convida a se instruir sobre o que lhe falta, a querer o que seria útil a sua felicidade. Nossa cultura propõe ao sujeito um objeto de consumação, imediatamente acessível para satisfazer sua pulsão e seu gozo, tanto quanto para garantir o lugar de um eu-ideal a partir do qual recupera-se uma certa imagem valorizada de si. Todo o mundo encontra-se agora doente desse direito à felicidade, pois quanto mais reclamamos esse direito à felicidade, mais desse direito adoecemos, uma vez que o objeto adequado à felicidade não existe. O cartão de crédito, o cheque especial, as próteses de silicone, os anabolizantes, os redutores de apetite, os soníferos, o carro do ano, o celular com câmera digital, a cerveja, a roupa da moda, os milhões de dólares, todos esses *gadgets* ‘possíveis’ de serem adquiridos se impõem como quesito indispensável de nosso direito à felicidade. Mas o mercado nos engana, pois o objeto de consumação oferecido para tamponar a falta-à-ser do sujeito, desconhece que a falta-à-ser é um fato de estrutura devido a inscrição do sujeito na linguagem; essa falta-à-ser porta o

nome de castração, ela é a via de acesso do sujeito a seu desejo, na condição de que esse lugar seja deixado vazio da boa maneira.

Em nossa época, os Ideais capazes de sustentar o desejo mantendo à distância os objetos de gozo, não funcionam mais. Muito antes do *Hip-Hop*, Cazuzza já tinha cantado a derrocada dos Ideais, o fracasso das utopias e a falta que faz uma ideologia para viver. Quando não há mais Ideais simbólicos nos quais se ancorar, é o gozo privado de cada um que vem a ocupar o zênite da civilização. A doença de nossa civilização é que o gozo privado e obscuro de cada um vale mais do que os Ideais. A modernidade irônica é aquela em que não se faz mais pacto social, pois o direito à felicidade reside no pacto com os objetos mais-de-gozar em curto-circuito com o Outro. O objeto de consumação não promete qualquer Ideal, seu fim é apenas o de ser usado, o de ser objeto para obter a felicidade. E é justamente quando não se pode obter esse objeto que o sujeito se sente excluído, vê-se segregado, vê-se não respeitado, vê-se mesmo autorizado a passar ao ato em nome desse objeto que lhe seria devido.

Não é verdade que se mata por nada, mata-se pelo direito a felicidade de possuir um tênis, um relógio, uma mulher, prestígio, mil reais ou milhões de reais. A demanda de respeito, encarnada no sintoma do adolescente contemporâneo, ilustra bem o triunfo da modernidade irônica que diz que tudo não passa senão de aparências – vale tudo pela fama, pela celebridade da imagem. A invenção do *Hip-Hop* e do *Rap* aparece como resposta à lógica da consumação imposta pelo regime de mercado e pelo ‘eudalismo’ generalizado.

A MODERNIDADE IRÔNICA E O TRÁFICO DA LÍNGUA

O *Hip-Hop* e o *Rap* aparecem como uma subversão criadora que o adolescente de nossa época inventou no momento do chamado do sexual. Compelido a ser parte da massa segregada do discurso comum, a figurar como passageiro clandestino da língua comum, o adolescente insulta o Outro que o segregou e lhe extirpou o direito de ser respeitado e reconhecido em sua singularidade. Apartado do direito de encontrar um lugar e uma língua, o adolescente passa a traficar a língua. Devemos levar a sério e tirar conseqüências das provocações linguageiras a que se entregou o adolescente contemporâneo. O *Hip-Hop*, o *e-com*, *Belo Horizonte*, v.2, n.2, nov 2008 11

Rap, a grafiteagem, são manifestações que insultam o Outro e manifestam de forma tenaz o desejo de viver a vida autêntica, a vida verdadeira, tal como Rimbaud anunciava em seus poemas.

A injúria e as provocações linguajeiras são a maneira pela qual o adolescente se serve da língua de que foi deixado órfão para situar, na língua mesmo, o gozo que habita seu corpo. O próprio Freud já havia dito que a civilização humana tinha dado um grande passo, quando se decide pela injúria, ao invés de perfurar o corpo em ritos de passagem, pois a injúria dita ao outro, visa, na verdade, aquele que não está bem. No lugar de examinar seu mal, o sujeito prefere insultar o outro. E, como na nossa civilização o recalque não está mais no mesmo lugar, as injúrias tornam-se cada vez mais acintosas.

Estamos numa civilização em que o gozo não está mais recalcado; o gozo é falado a céu aberto e de uma maneira até muito vulgar e explícita. Mais uma vez se revela o quanto, os adultos não são mais responsáveis pelo mundo que eles oferecem às suas crianças, pois esse gozo falado a céu aberto influencia a criança, que passa a se servir da língua através de provocações linguajeiras. (De novo é Rimbaud quem esclarece sobre o sentido de iluminações profanas: “Eu trafico a língua”)

Na tentativa desesperada de encontrar um lugar e uma língua, o adolescente termina por se tornar um crápula da língua. Como traficante da língua, as chances de cada um se inserir no laço social se tornam muito fortuitas e abertas, mais francamente, ao pior. Existem invenções subversivas que conduzem a um impasse, como, por exemplo, as redes de tráfico, o neonazismo, os *orkuts* que disseminam uma posição fundamentalista frente a algum elemento da vida.

Em face desse destino pior é que se torna urgente articular o sentido de iluminações profanas com um destino melhor. Eis o problema que implica a sociedade e a educação na responsabilização pelo acolhimento de suas crianças e adolescentes.

As provocações linguajeiras devem ser consideradas um modo de responder aos impasses da vida moderna. Nos impasses da adolescência contemporânea – criminalidade, toxicomania, violência, cinismo, consumismo, praticas de corpo (tatuagens, *piercings*, *body*

suspensions, escariações, mutilações, anorexia), grafitação, o gosto pelo movimento, pela rapidez, pelo *hip-hop*, pela injúria e pela provocação linguajeira – encontramos uma posição pela qual os jovens atacam a raiz mesma da linguagem e a ironia do laço social contemporâneo. Certos adolescentes de nossa modernidade adotam a posição do exílio da língua e da linguagem como solução para se virar com a vida e com seu ser sexuado. De forma paradoxal, esses adolescentes adotam tal posição de exílio para fazer valer seu ser de sintoma, ao qual a modernidade os reduziu. Na condição de exílio, eles inventam soluções reparadoras e vitais, por vezes em impasse, a partir de nomes do pior, que eles usam como uma arma que incide na raiz de toda relação social.

As provocações linguajeiras constituem hoje um fenômeno da modernidade irônica, um sintoma da juventude moderna diante do mal estar na civilização.⁵ Exatamente assim é devemos estar atentos ao valor sintomático das provocações linguajeiras, na medida em que, por um lado, elas são um dispositivo de defesa, por outro, produtoras de novas formas de mal estar. Devemos estar muito perto das crianças e dos adolescentes, para ver o que eles inventam. É importante dar acolhimento ao elemento novo que eles inventam, mas é preciso saber que existem invenções que conduzem a um impasse. É necessário mostra a eles que o mundo não é exatamente como eles pensam. Diante de invenções que conduzem a um impasse, trata-se de fazer valer o recurso à poesia no lugar do pior. Trata-se de desafiar esses impasses e afiar a língua que eles inventam de tal forma que as provocações linguajeiras possam se tornar um discurso que permita uma inserção no laço social.

Lacan soube teorizar além do declínio da imago paterna, e postular as versões do pai na função de dar nomes as coisas. O declínio da função paterna modifica a autoridade, mas é por isso mesmo que vai prevalecer a dimensão de uma subversão criadora. Há outras versões do pai que funcionam como modelo de função de gozo e que podem dar passagem

⁵ Freud conceituou o mal estar na civilização como tudo que nos afeta e que, em princípio, escapa ao sentido. Um choque, um encontro traumático, situações que possuem uma carga afetiva intensa e que compelem o sujeito a encontrar formas de se defender disso. Estruturalmente, os seres humanos estariam diante de duas fontes de mal estar: a relação com o corpo e com a língua. Não é natural que sejamos habitados por uma língua, tão pouco é natural que nossos corpos sejam sexuados. Freud assinalou que toda cultura e todo trabalho de civilização seria uma forma de responder a esse tipo de encontro com o fora do sentido. Em cada época, a cultura teria produzido dispositivos de resposta que amorteceriam os efeitos invasivos e traumáticos do encontro com o corpo e com a língua. A cultura seria, assim, um aparelho, um dispositivo de defesa contra o mal estar, ao mesmo tempo em que seria produtor de novas formas de mal estar. Nesse sentido é que se poderia dizer que toda cultura, ou toda forma de viver, não seria senão um sintoma.

a novas formas de identificação que permitem ao sujeito de encontrar um lugar e uma língua. O importante, para além do declínio da autoridade, é o lugar que vamos conceder e sustentar para a subversão criadora que o sujeito vai inventar no momento do encontro com o real da língua e do corpo. Trata-se, assim, de conceber espaços de conversação que sustentem o recurso à poesia.

Numa sociedade, dominada pelo fenômeno da desresponsabilização por suas crianças e adolescentes, assim como pela desresponsabilização subjetiva de cada um diante da própria sexualidade, é crucial desenvolver e sustentar a convivência com a língua e com a literatura, como dispositivo de tratamento e re-inserção simbólica de crianças e adolescentes cuja infância e juventude foi consumida pela orfandade ou se encontra em situação de risco social. É pertinente explorar a convivência com a língua e com a literatura como um recurso de promoção da inclusão social de crianças e jovens que vivem apartadas ou na periferia da cultura, à procura de uma língua. Valorizar os modos que esses sujeitos inventam para responder ao exílio da língua e ao abandono da cultura, eis o que pode ser explorado por uma rotina de letras que permita articular significante e significado, de tal modo a conduzi-los a elucubrar uma linguagem.

O desafio de uma educação para língua é, portanto, o de promover a implicação subjetiva no gosto pela palavra e pela literatura como recurso de inserção num laço social. Trata-se de fazer valer uma política das palavras, recolher as provocações linguajeiras, as palavras colhidas nas inscrições obscenas que figuram no anonimato dos muros, e trazê-las de volta para a cena da comunicação. Uma política das palavras visa intervir junto a crianças e jovens a fim de fazê-los proceder ao exame das cargas semânticas de cada termo que o mantém fora do discurso. Chamo de educação para língua esse exame da carga semântica de cada termo recuperado: quando são usadas, desde quando, onde são empregadas, que configurações elas delineiam, que origem elas denunciam. Que uso elas proíbem, por quem são usados de preferência, por meninos ou por meninas? Porque são chamadas obscenas? Porque existe a gíria? Que sentimentos carregam, que frustrações sugerem, que sofrimento traduzem, que preconceitos escondem? Em que outros locais circulam elas? São palavras que agradam às meninas? Na intimidade dos meninos, elas circulam? Uma educação para língua deve convocar os meninos e as meninas para um esforço de poesia. Uma política das palavras deve educar para o uso da licença poética, do chiste e da piada apimentada

capazes de, de um só golpe, traduzir a mesma agitação experimentada com os ditos obscenos e ainda fazer laço com o outro. Uma educação para a língua ensina a comunicação, ensina sobre o valor das palavras no funcionamento do mundo.

Uma educação para língua pretende aparelhar os adolescentes para enfrentar a relação traumática com o corpo e com a língua. É preciso fazer valer aquilo que nos jogos com as palavras e nas composições literárias funcionam como um aparelho de gozo do qual é possível se servir para enfrentar os impasses da vida moderna. A literatura nomeia gêneros de discurso, fornece o corpo do texto e o tecido das palavras como superfície especular que permite ao sujeito escritor ou leitor encontrar uma reflexão de si, promovendo assim, um acontecimento de corpo de valor imaginário, justamente aquilo que fez falta na condição da orfandade e nas situações de risco social.

Tomando o universo da língua e da literatura como espaço que capitula um gosto especial extraído das palavras, os adolescentes podem ver refletidas suas diversas invenções linguageiras, construindo, deste modo, uma conversação diferente do solilóquio a que estavam confinadas. A criação de um espaço de articulação do significante e do significado, ou seja, de uma rotina de letras que permita elucubrar uma linguagem implica aceitar o que os adolescentes inventam como armas para lidar com a vida, mas, ao mesmo tempo, ajudá-los a elucubrar uma linguagem se articulando ao saber do Outro, dando passagem a subversões criadoras e a novidades mais poéticas.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah A crise na educação In *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ANSERMET, François Crianças abandonadas, crianças rejeitadas In *A clínica da origem*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

FREUD, Sigmund O eu e o Isso (1925) In *Obras Completas de Sigmund Freud* vol. XIX. Rio de Janeiro: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 1975.

FREUD, Sigmund O mal estar na civilização (1927) In op.cit. vol.XXI.

LACAN, Jacques O aturdido (1972) In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 2005 p. 448- 497

LACAN, Jacques Os complexos familiares a formação do individuo (1938) In op. cit, p 29 -90.

LACAN, Jacques *O Seminário RSI, 1974-1975*, Inédito.

RIMBAUD, Arthur *Euvre vie. Edition du centenaire établie par Alain Borer*, Arlea 1991.

RIMBAUD, Jean-Arthur *Uma temporada no inferno e Iluminações*. Tradução Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.